

# VARIAÇÕES PROSÓDICAS E MUDANÇAS DISCURSIVAS EM UMA CRIANÇA COM DISTÚRBO DE LINGUAGEM

Thaís Firmo CARVALHO\*

Lourenço CHACON\*\*

Leslie Piccolotto FERREIRA\*\*\*

- **RESUMO:** Com base na contribuição de estudos discursivos, a proposta do presente artigo é verificar se variações prosódicas marcam distinções de planos no processo discursivo de uma criança de nove anos, com diagnóstico fonoaudiológico de distúrbio de linguagem. Enunciados com mudanças de planos do discurso foram extraídos de cinco sessões videogravadas de terapia fonoaudiológica. Três juízes, fonoaudiólogos especialistas em Voz, receberam transcrições e cópias em áudio dos enunciados selecionados, para que relatassem se percebiam, ou não, relações entre variações prosódicas e mudanças de planos discursivos. Nos casos de respostas positivas, foram orientados a explicitar quais aspectos prosódicos variavam nas distinções. Em 96,90% desses enunciados, os juízes observaram tais relações. Variações de intensidade e de velocidade marcaram encaixes de vozes de diferentes protagonistas do discurso; variações de frequência fundamental caracterizaram vozes de diferentes personagens representadas pela criança em situação de terapia. Encaixes de vozes da mesma criança, em diferentes situações enunciativo-discursivas, não foram marcados por mudanças prosódicas. Crianças com distúrbios de linguagem que não dominam a complexidade sintática da organização dos diferentes planos do discurso podem, portanto, marcá-las por meio de recursos prosódicos.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Prosódia. Voz. Discurso. Distúrbios de linguagem.

## Introdução

Embora envolvam questões de natureza linguístico-discursiva, funcionamentos mais atípicos do processo discursivo em crianças são prioritariamente investigados, no Brasil, no campo da Fonoaudiologia. Com exceções<sup>1</sup>, pouca interface existe,

---

\* PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão. São Paulo – SP – Brasil. 05014-000 – thaísfcr@yahoo.com.br

\*\* Bolsista Pq/CNPq – Processo 304545/2009-0. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Filosofia e Ciências – Departamento de Fonoaudiologia. Marília – SP – Brasil. 17525-900 – chacon@marilia.unesp.br

\*\*\* Bolsista Pq/CNPq. PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Faculdade de Fonoaudiologia – Departamento de Fundamentos da Fonoaudiologia. São Paulo – SP – Brasil. 05014-000. lesliepf@pucsp.br.

<sup>1</sup> Por exemplo: Levy (1992); Lier-de-Vito (1997); Freire (2000); Souza (2000); Arantes (2001); Brito (2001); Cunha (2000); Ferriolli e Tfouni (2001); Santana (2001); Barbeta e Panhoca (2003); Morais (2003).

porém, entre essas investigações e contribuições de pesquisas desenvolvidas no campo dos estudos linguístico-discursivos. Fomentar essa interface é uma primeira justificativa para a produção deste artigo.

Uma segunda justificativa para sua produção – e, com ela, já anteciparemos em relação a qual aspecto do processo discursivo proporemos o diálogo Linguística/Fonoaudiologia – é a de chamar a atenção para uma lacuna que se faz sentir nas investigações sobre o funcionamento atípico dos processos discursivos em crianças desenvolvidas no campo da Fonoaudiologia: muito pouca atenção é dada ao papel da voz (e dos recursos prosódicos que ela possibilita) nessas investigações. E essa pouca atenção, a nosso ver, decorre fundamentalmente de como o fenômeno da voz é tradicionalmente focado no campo da Fonoaudiologia.

Com efeito, nesse campo, numa concepção mais tradicional, a voz é tratada como produto sonoro da ação da laringe e das estruturas que operam como ressoadores no aparelho fonador. É a visão priorizada, por exemplo, em trabalhos de pesquisadores brasileiros como Araújo et al (2000), Vasconcelos et al (2001) e Bortolotti e Silva (2005). Verifica-se, ainda, na literatura fonoaudiológica produzida no Brasil, a preocupação com o que, de modo muito abrangente, entende-se como “promoção de saúde vocal” e como adequação da expressividade ao contexto profissional, preocupação detectada, por exemplo, em Brasolotto e Fabiano (2000), Grillo, Lima e Ferreira (2000), Grillo e Penteado (2005) e Penteado, Chun e Silva (2005). Destaque-se, ainda, que, nos (poucos) estudos desenvolvidos com crianças no Brasil, prevalece uma visão mais tradicional da concepção de voz, como se pode verificar em Navas (1989), Hersan (1991), e Rockenbach e Feijó (2000).

Em síntese, de acordo com Ferreira e Silva (2002), predomina, nesses trabalhos, a ideia da voz como resultado de fatores orgânicos em ação, tais como: sexo, idade, constituição física, músculos, mucosas, inervações, cartilagens, dentre outros.

Há, porém, outro modo pelo qual a Fonoaudiologia, mais recentemente, vem se voltando para o fenômeno da voz. É o que se pode detectar, por exemplo, em Silva (2001), para quem a voz não pode ser desvinculada de seu (importante e fundamental) papel nos eventos comunicativos – fato que aponta para como a voz é usada socialmente em situações discursivas. Na mesma direção, Chun (2002, p.23) propõe olhá-la não como “[...] um produto acabado, algo dado, ou como mera atividade laríngea, mas sim, como um processo flexível e dinâmico.” Para essa autora, a voz não deve, portanto, ser analisada de modo isolado, tal como acontece na trajetória de pesquisa e de atuação em Fonoaudiologia, mas como fenômeno que possibilita a materialização da linguagem: “[...] se a voz produz e, ao mesmo tempo, é efeito de sentidos, não pode ser vista como um mero ato laríngeo, mas sim como marca constitutiva da oralidade.” (CHUN, 2002, p.27). Detecta-se, pois, em Chun (2002), no que se refere aos estudos sobre a voz, a interface Fonoaudiologia/Linguística que pretendemos fomentar com este trabalho.

Certamente essa compreensão do fenômeno da voz amplia significativamente o quadro no interior do qual situaremos nossa questão de investigação, na medida em que, em Chun (2002), o uso da voz não se desvincula da produção de sentidos em práticas (portanto discursivas) de oralidade. No entanto não é a voz, em sentido geral, de que nos ocuparemos neste trabalho, mas, sim, das variações (auditivamente percebidas) de características que sua produção, segundo Dowhower (1991), diretamente propicia – tais como as de frequência e de intensidade. Isso porque a questão que mais diretamente nos preocupa é a de como a análise da percepção auditiva de recursos prosódicos pode fornecer subsídios para a compreensão de funcionamentos atípicos da linguagem (em sua modalidade de enunciação falada) em crianças.

Cagliari (1992) chama a atenção para o fato de que, na produção discursiva falada, os elementos prosódicos deixam realçadas, ou atenuadas, certas partes do encadeamento discursivo<sup>2</sup>. É, sobretudo, esse realce que nos interessa investigar, especialmente nos momentos em que ele pode marcar situações de encaixes de (outros) discursos no processo discursivo de uma criança diagnosticada (do ponto de vista da clínica tradicional em Fonoaudiologia) como tendo distúrbio de linguagem.

O encaixe de discursos – marcado, na superfície discursiva, em diferentes planos – necessariamente remete, na perspectiva com a qual pretendemos olhá-lo, a Bakhtin (1986, 1992), na medida em que os encaixes permitem mostrar (e demonstrar) o princípio dialógico da linguagem. Ressalte-se, a propósito, que, para esse autor, todo e qualquer enunciado resulta em/de um acúmulo de vozes<sup>3</sup>, uma vez que a produção de um enunciado retoma (ilimitadamente) enunciados anteriores, os quais, além de se refletirem mutuamente, provocam, no enunciado em produção, ecos e lembranças. Reafirmando, pois, o fundamento dialógico da linguagem, um enunciado é acima de tudo “uma resposta a enunciados anteriores” (BAKHTIN, 1992, p.312). É nesse sentido que “a voz em funcionamento” (CHUN, 2002, p.24) será compreendida em nosso estudo – compreensão que se apoiará ainda e especialmente em contribuições de Authier-Révuz (1990).

Como se sabe, inspirada (também) no dialogismo bakhtiniano, essa autora salienta que “[...] nenhuma palavra é neutra, mas inevitavelmente carregada, ocupada, habitada, atravessada pelos discursos nos quais viveu sua existência socialmente sustentada.” (BAKHTIN, 1992, p.27). As determinações que o discurso sofre em sua produção caracterizar-se-iam, portanto, pela heterogeneidade.

---

<sup>2</sup> Essas partes podem, ainda, ser interpretadas de um ponto de vista fonológico, como aquele proposto por Nespor e Vogel (1986), na medida em que podem corresponder a constituintes de uma “gramática” prosódica – ponto de vista que será descartado neste trabalho.

<sup>3</sup> Obviamente, a concepção de voz do autor não é aquela que, tradicionalmente, detecta-se na Fonoaudiologia, sobretudo porque Bakhtin (1986, 1992) não estabelece relações dicotômicas entre produção de som e produção de sentido.

Um dos aspectos que mostrariam essa heterogeneidade seriam justamente as formas linguísticas de inscrição do(s) *outro(s)* no fio do discurso. Essas formas, mostradas no fio do discurso, alterariam a unicidade aparente da cadeia discursiva, na medida em que, nessa cadeia, elas inscreveriam o(s) outro(s), com ou sem marcas unívocas de ancoragem. Essa inscrição, segundo a autora, pode se dar com ruptura sintática (caso do discurso direto, por exemplo) ou sem ruptura sintática, mas mantendo-se, em ambos os casos, a unicidade aparente da cadeia discursiva.

As contribuições dessa autora e também as de Bakhtin (1986) fornecem subsídios essenciais para que se possa pensar de que modo(s) se mostra a complexidade de um processo discursivo, já que suas reflexões possibilitam compreender o processo discursivo como a realização linguística de enunciados. O peso dessas contribuições se torna ainda mais relevante quando o que está em questão, neste estudo, é um processo que, além de remeter à aquisição da linguagem – fenômeno (ainda) pouco explorado nos estudos sobre a(s) heterogeneidade(s) enunciativa(s) –, remete a aspectos atípicos da aquisição.

Se, com base nas contribuições desses dois autores, a atividade enunciativa passa a ser considerada como a realização linguística de enunciados, não mais é possível compreender a organização dos diferentes planos do dizer como uma organização linear da conversação, ou da formulação dessa linearidade. Diferentemente, pode-se enxergar essa organização como marca, mostrada no discurso, em sua forma linguisticamente linear, da negociação do sujeito do processo discursivo com os múltiplos *outros* constitutivos do (seu) discurso.

Em outras palavras, a organização dos diferentes planos do dizer mostra, por meio de marcas linguísticas (e aqui queremos introduzir a relevância das marcas prosódicas), momentos de negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva do (seu) discurso. Em suma, as formas de organização dos diferentes planos do dizer seriam, portanto, um tipo de heterogeneidade mostrada.

Serão esses os autores que fornecerão os principais subsídios de nossa investigação de como, em enunciados com diferentes planos discursivos, distinções entre esses planos podem ser prosodicamente marcadas.

Acreditamos que a proposta deste estudo se justifica uma vez que poderá: levar contribuições da Linguística para o trabalho fonoaudiológico com voz infantil; fornecer maiores informações sobre o processo convencionalmente chamado de aquisição da linguagem, na medida em que pode chamar a atenção para aspectos que têm sido deixados de lado na literatura especializada, a saber, aqueles referentes ao desempenho linguístico de sujeitos com dificuldades de linguagem; compreender as dificuldades que enfrentam as crianças em sua negociação com aspectos dialógicos do dizer; buscar explicações que permitam

facilitar a prática terapêutica, bem como o convívio dos circunstantes e familiares com crianças com problemas de linguagem; proporcionar melhor compreensão sobre os diferentes papéis da prosódia na linguagem; entender a complexidade da atividade linguística em contextos atípicos de linguagem e, sobretudo, conforme antecipamos, fomentar o intercâmbio entre pesquisas de natureza fonoaudiológica e de natureza linguística sobre os chamados distúrbios da comunicação.

## Material e métodos

O sujeito desta pesquisa é a criança A, do gênero feminino e com nove anos à época do registro de sua atividade discursiva. Sua mãe procurou o Centro de Estudos em Educação e Saúde da FFC/UNESP (CEES/UNESP) com a queixa de “dificuldades para conversar” [sic mãe]. Na última avaliação pela qual a criança passou antes das gravações que compõem o material que analisamos, recebeu o diagnóstico de *distúrbio de linguagem*<sup>4</sup>. No que se refere às características linguísticas que justificariam esse diagnóstico, consta de seu relatório de avaliação:

[...] que em relação aos aspectos sintáticos, a p.<sup>5</sup> está um pouco atrasada em relação à sua idade cronológica, pois muitas vezes não construiu frases corretamente, deixando de usar os conectivos adequados para cada frase que foi falada pela mesma. Já com os aspectos semânticos e pragmáticos, isso não ocorreu, pois a p. soube nomear todos os objetos e mostrou ter um bom vocabulário durante as atividades que foram realizadas com a mesma, e em relação à pragmática a p. soube fazer uso de todos os objetos e soube também utilizar com funcionalidade a linguagem.

Em outro ponto do mesmo relatório de avaliação em que se investigava o desempenho da criança em protonarrativas, consta, por fim, que “[...] a t.<sup>6</sup> tentou estabelecer um diálogo com a p., na tentativa de que a mesma narrasse algum fato. Isto não ocorreu, pois a p. só respondia o que era solicitado [...]. A p. começou a cantar uma música, sem que a t. solicitasse nada a ela.”

A criança foi atendida individualmente por estagiários do Curso de Fonoaudiologia no referido Centro. Esses estagiários utilizaram a estratégia verbal de conversa espontânea, preferencialmente mesclada com atividades

---

<sup>4</sup> Além desse diagnóstico fonoaudiológico, outros tipos de diagnóstico foram feitos. Em 05/05/99, a criança foi submetida à avaliação genética. O relatório de análise cromossômica dessa avaliação indica “resultado compatível com o quadro clínico da síndrome do 9p-.” Em 25/11/99, a criança passou por avaliação neurológica, que apontou como diagnóstico a *Síndrome de Noonan*.

<sup>5</sup> P. corresponde à abreviação da palavra paciente.

<sup>6</sup> T. corresponde à abreviação da palavra terapeuta.

lúdicas, para facilitar o desenvolvimento do processo discursivo. Na medida do possível, buscaram criar situações que fossem mais próximas daquelas da vida diária da criança.

As sessões foram gravadas aleatoriamente; desse modo, não foi possível controlar exatamente o intervalo entre as gravações, uma vez que a criança, na rotina do CEES, nem sempre compareceu para atendimentos de forma regular, previsível.

As filmagens foram realizadas em sala sem tratamento acústico, uma vez que, até o momento em que findaram as gravações, nenhuma sala do CEES contava com esse tipo de recurso para atividades clínicas com crianças com o perfil fonoaudiológico em estudo. Para o registro, foi utilizada uma filmadora Gradiente GCP-185 CR com fita JVC modelo EGH *Hi-fi*.

Selecionamos o material videogravado de cinco sessões de terapia (com cerca de 40 minutos cada) realizadas nos dias 30/03/04, 20/04/04, 04/05/04, 14/09/04 e 28/09/04.

Após o período de filmagem, foi realizada a transcrição de todo o material. Essa transcrição foi efetuada de acordo com as normas propostas em Pretti e Urbano (1988) para o Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (Projeto NURC/SP), que investiga o português falado. Seguem-se essas normas:

Ocorrências	Sinais	Exemplificação*
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda... ( ) nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os éh::: o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos ou três razões que fazem com que se retenha moeda
Comentários descritos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))

Ocorrências	Sinais	Exemplificação*
Comentários quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	- -	a demanda de moeda - - vamos dar essa notação - - demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	{ligando as linhas	A. na {casa da sua irmã B. {sexta-feira?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo	(...)	( ) nós vimos que existem
Citações literais ou leituras de textos durante a gravação	“ “	Pedro Lima ah escreve na ocasião O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baR-RElra entre nós

\* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP No. 338 EF e 331 D<sup>2</sup>.

Observações:

- 1) Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.).
- 2) Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá? você está brava?*).
- 3) Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
- 4) Números: por extenso.
- 5) Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
- 6) Não se anota o *cadenciamento da frase*.
- 7) Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...* (alongamento e pausa).
- 8) Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa, conforme referido na Introdução.

**Quadro 1** – Normas para transcrição.

**Fonte:** Pretti e Urbano (1988, p.9-10).

Quanto ao critério de identificação dos participantes das gravações, (A) serviu, nas transcrições, para identificar a criança; (T), para identificar a terapeuta.

Na sequência, diversas apreciações do material em áudio, bem como várias leituras das transcrições foram realizadas para o levantamento de enunciados com diferentes planos discursivos. Posteriormente, com o auxílio de um técnico, foi feita a digitalização das fitas e a edição dos recortes selecionados. Para isso, o responsável valeu-se de uma televisão e de um DVD da marca Philips, além do programa *Sound Forge*.

Foram editados 34 recortes (19 retirados da sessão de 30/03/04; 1 da sessão de 20/04/04; 7 da sessão de 04/05/04; 2 da sessão de 14/09/04 e 5 da sessão de 28/09/04). Em seguida, cada recorte foi dividido em dois planos, o que resultou em um conjunto de 68 planos.

Três juízes fonoaudiólogos especialistas em voz foram selecionados para analisar esse material. Cada um deles recebeu as transcrições juntamente com o material em áudio dos trechos escolhidos.

Os dois planos discursivos que compunham cada recorte foram apresentados graficamente separados em (a) e (b). Num primeiro momento, cada juiz deveria, individualmente, ouvir cada enunciado. Numa segunda audição, deveria assinalar se detectava mudanças prosódicas entre eles, justificando (no caso de detecção) quais seriam essas diferenças.

O exemplo abaixo, retirado da filmagem de 30/03/04, ilustra como os dados foram apresentados aos juízes:

A: falei...vai pro seu quarto dormir (5:06 ao 5:10)

(a) falei...(5:06 ao 5:07)

(b) vai pro seu quarto dormir... (5:07 ao 5:10)

Ocorreram mudanças prosódicas do trecho A para o B?

( ) sim ( ) não

No caso de resposta afirmativa, descreva quais foram as mudanças prosódicas observadas?

---

---

---

---

---

A análise final considerou, especialmente, as concordâncias de percepção entre os juízes.

## Resultados

Antes da apresentação da análise dos juízes, é importante ressaltar aspectos observados na atividade enunciativo-discursiva de A. Um desses aspectos é o fato de a criança não efetuar o uso do discurso indireto, diferentemente do que ocorre com crianças na sua faixa etária sem problemas de linguagem. Em outras palavras, e de acordo com Authier-Révuz (1998), a criança constantemente inscreve o *outro* em sua sequência discursiva com ruptura sintática – mecanismo característico

do chamado discurso direto. A Ocorrência 01, extraída da filmagem de 24/09/04, é ilustrativa desse tipo de funcionamento:

*Ocorrência 01:*

(...)

falou assim...eu vim pegar vocês....

(...)

Em momentos como esse, nos quais a criança realiza uma “operação de citação do ato relatado” (AUTHIER-RÉVUZ, 1998, p.150), essa operação é singularmente marcada por mudanças prosódicas, das quais uma boa escuta permite detectar diferenciações das vozes justapostas no enunciado. Esse mecanismo, no caso de A, substitui operações de reformulação como aquelas características do discurso indireto e que se poderia esperar como: *Ele falou que vinha pegar a gente*.

Outro aspecto merecedor de destaque na atividade enunciativo-discursiva de A foi sua significativa produção de enunciados que mobilizavam diversos planos discursivos. Mais uma vez, essa mobilização nos remete a Authier-Révuz (1990), para quem esse fenômeno deve ser visto como marca, mostrada no fio do discurso, da negociação do sujeito com os múltiplos *outros* constitutivos de seu discurso. Três diferentes planos foram mais recorrentemente detectados em sua produção discursiva:

**Plano 1** – plano que remete, sobretudo, às relações entre os protagonistas da situação discursiva, mais especificamente, a criança (A), a Terapeuta (T) e/ou a estagiária R;

**Plano 2** – plano que remete a atividades dialógicas entre A e T nas quais ambas representam personagens e/ou dialogam, como personagens, com bonecas e fantoches levados pela terapeuta à sessão de terapia;

**Plano 3** – plano que remete a situações que A cria, durante a sessão de terapia, entre ela mesma e a terapeuta com protagonistas externos à situação de terapia (tais como pai, mãe, manicure etc.). São situações mais típicas de contextos narrativos.

Vejam-se recortes ilustrativos de cada um desses planos:

**Plano 1:**

*Ocorrência 02*

(...)

T: o que que você fez de bom?

A: meu pai foi na minha festa

(...)

Nessa situação, a terapeuta questiona a criança a respeito de fatos ocorridos em seu final de semana. No enunciado da criança, é importante observar o aparecimento de uma marca de pessoa (*meu*) relativa ao próprio sujeito, no Plano 1, no qual criança e terapeuta interagem não como personagens.

**Plano 2:**

*Ocorrência 03:*

(...)

T: não acredito...eu vou CHORAR mãe

A: comeu...e ele papou tudo ((*mudança de prosódia*))

T: mas o que que a Keka veio fazer aqui...mãe eu acho que você devia brigar com ela...você é grande

(...)

Nessa situação, como se pode notar, ocorre teatralização, na qual A e T desempenham personagens de uma dramatização.

**Plano 3:**

*Ocorrência 04:*

(...)

T: ah...aí ele falou para você dormir...porque você estava fazendo arte

A: ( ) eu falei...está bem papai eu vou dormir

(...)

Nesse caso, constatam-se, no enunciado de A, dois diferentes planos discursivos: o primeiro (primeiro grifo) refere-se ao Plano 1, em que a criança está contando à terapeuta sobre uma conversa com seu pai; o segundo (segundo grifo) remete, mais especificamente, ao que estamos considerando como Plano 3, o plano do narrado, visto que faz alusão à criança A em outra cena enunciativa, na qual interage com seu pai.

A Tabela 1 mostra os dados de cada um dos juízes sobre sua percepção, ou não, de diferenciação prosódica na construção de enunciados que remetem a esses três diferentes planos:

**Tabela 1** – Distribuição numérica e percentual das respostas dadas pelos juízes quanto à percepção ou não de mudanças prosódicas nos trechos emitidos por A (n=34).

(continua)

<i>Juízes</i>	<i>Mudanças prosódicas</i>			
	<i>Presença</i>		<i>Ausência</i>	
	<b>n</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>J1</b>	31	91.17 %	3	8.82 %

**Tabela 1** – Distribuição numérica e percentual das respostas dadas pelos juízes quanto à percepção ou não de mudanças prosódicas nos trechos emitidos por A (n=34).

(conclusão)

<i>Juízes</i>	<i>Mudanças prosódicas</i>			
	<i>Presença</i>		<i>Ausência</i>	
	<b>n</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>J2</b>	32	94.11 %	2	5.58 %
<b>J3</b>	32	94.11 %	2	5.58 %
<b>Total</b>	95	96.90%	7	3.10%

Como se pode observar, os três juízes perceberam, auditivamente em A, variações prosódicas – ou suprasegmentais, segundo Carr (2008) – para marcar diferentes planos discursivos. Com efeito, em 96% dos enunciados apresentados aos juízes, eles assinalaram mudanças prosódicas de um plano para outro. Em outras palavras, a criança A marca-se, diferencialmente, pela prosódia ao assumir-se como *eu* em sua relação com a terapeuta, ao assumir-se como personagem em uma dramatização, ou ao assumir, em casos de discursos relatados, as diferentes vozes mobilizadas nesses relatos.

Desse modo, privada, por suas dificuldades de linguagem, de recursos sintáticos mais complexos para a organização dos diferentes planos do discurso, é à diferenciação prosódica que A parece preferencialmente recorrer para negociar com a heterogeneidade de seu discurso (AUTHIER-RÉVUZ, 1990). Em seu processo enunciativo-discursivo, a prosódia constitui-se, pois, em marca bastante característica de heterogeneidade mostrada, na medida em que contribui, singularmente, para a organização dos diferentes planos do dizer.

Na descrição das mudanças prosódicas percebidas na marcação dos diferentes planos, foram basicamente três os parâmetros que, de acordo com a percepção dos juízes, a criança mobilizou. Trata-se de variações percebidas: (1) de velocidade; (2) de intensidade; (3) de frequência fundamental. A Tabela 2 mostra a quantidade de vezes que cada juiz detectou essas variações no total das cinco sessões:

**Tabela 2** – Distribuição numérica das respostas dadas pelos juízes, quanto aos parâmetros prosódicos mais mobilizados por A. nas cinco sessões analisadas.

Número da sessão	Parâmetro percebido como modificado		
	Velocidade	Intensidade	Frequência
<b>1</b>			
<b>J1</b>	11	9	6
<b>J2</b>	11	14	3
<b>J3</b>	8	14	2
<b>Total</b>	<b>30</b>	<b>37</b>	<b>11</b>
<b>2</b>			
<b>J1</b>	0	0	1
<b>J2</b>	0	1	1
<b>J3</b>	0	0	1
<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>3</b>			
<b>J1</b>	0	0	1
<b>J2</b>	0	1	1
<b>J3</b>	0	0	1
<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>3</b>
<b>4</b>			
<b>J1</b>	0	1	8
<b>J2</b>	3	2	8
<b>J3</b>	1	4	8
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>7</b>	<b>24</b>
<b>5</b>			
<b>J1</b>	0	0	1
<b>J2</b>	0	0	1
<b>J3</b>	0	0	1
<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>3</b>

Na primeira sessão, a criança faz várias citações de enunciados de seu pai, na tentativa de contar à terapeuta que ele não a levou ao *Shopping*, apesar de ter-lhe prometido.

Nessas citações, bastante recorrentes na sessão, os juízes detectaram regularidade nas marcas de mudança do Plano 1 (em que a criança interage com a terapeuta) para o Plano 3 (em que insere a voz do pai em sua própria voz). As partes dos enunciados da criança correspondentes aos enunciados do pai – por exemplo, parte (b) da Ocorrência 05 – foram percebidas pelos juízes com velocidade aumentada e com maior volume<sup>7</sup> em relação às partes em que a criança introduz o discurso relatado – por exemplo, parte (a) da mesma Ocorrência:

*Ocorrência 05:*

(...)

(...) ele ficou triste... ai Ana vai para seu quarto vai

(...)

(a) ( ) ele ficou triste...

(b) ai Ana vai pro seu quarto vai

Essa diferenciação parece buscar o que Authier-Révuz (1998) postula como a reprodução da materialidade exata de um enunciado. Ela seria ilustrativa da colagem que a criança tenta fazer da cena enunciativa que relata à cena enunciativa em que concretamente se encontra – o que não significa que ela restitui o ato relatado de enunciação na sua integralidade. Para Ramos e Scarpa (2007), trata-se, nesses momentos, da dominância do enunciado do outro no discurso da criança, caracterizada pela tentativa de reprodução de fragmentos do enunciado do outro no enunciado de A.

Nas demais sessões, foram em menor número os momentos de alternância de planos. Mesmo assim, quando ocorreram, foram marcados por variações prosódicas em situações de teatralização típicas do que caracterizamos como Plano 2. Destaque-se, no entanto, que, diferentemente da primeira sessão, nas demais sessões foram as variações de frequência fundamental que dominaram, como mostram as duas próximas ocorrências, a primeira delas extraída da segunda sessão:

*Ocorrência 06:*

(...)

tem filho moça?...eu tenho...que ir embora

(...)

(a) tem filho moça? ...

(b) eu tenho... que ir embora

---

<sup>7</sup> Além de sensação auditiva de aumento de velocidade e de aumento de intensidade, um dos juízes identifica, nas partes do enunciado correspondentes à citação do enunciado do pai, também “definição de articulação para passar firmeza”.

Essa ocorrência ilustra o diálogo entre duas personagens: a “filha” e uma “moça” que faz unhas (ambas representadas pela criança). Trata-se, portanto, de situação que caracterizamos como típica do Plano 2. Nessa ocorrência, como se pode verificar na Tabela 2, os três juízes detectaram variações de frequência para marcar, num mesmo enunciado, as *vozes* das diferentes personagens que A representa. Com efeito, a parte do enunciado correspondente a uma pergunta feita por uma das personagens que a criança interpretava – parte (a) – foi auditivamente percebida com frequência fundamental rebaixada. Já a parte correspondente à resposta dada por outra personagem também interpretada pela criança – parte (b) – foi auditivamente percebida com frequência fundamental elevada.

Situação semelhante ocorreu na terceira sessão terapêutica:

*Ocorrência 07:*

(...)

acordou Gigi? ...acordei

(...)

(a) ...acordou Gigi?

(b)... Acordei

Mais uma vez, em situação de teatralização, a criança representa duas personagens, uma delas nomeada Gigi. Também mais uma vez, a diferenciação de vozes dessas duas personagens, tal como percebida pelos juízes, deu-se por meio de variações de frequência fundamental. Nesse caso, a parte do enunciado correspondente à pergunta que uma personagem faz – parte (a) – é percebida como mais agravada em relação à parte correspondente à resposta que a outra personagem dá – parte (b).

As situações ilustradas nas Ocorrências 05, 06 e 07 (de alternância do Plano 1 para o Plano 3 e de alternância no interior do Plano 2) são típicas do processo discursivo da criança A. No entanto, segundo percepção dos três juízes, em dois dos enunciados com deslocamentos de planos de nosso *corpus*, não foram notadas mudanças prosódicas. Seguem-se esses enunciados:

*Ocorrência 08:*

(...)

eu falei... o:::: mãe ( ) ele (brigou)...quem?...

(...)

(a) eu falei...

(b) o:::: mãe ( ) ele (brigou)...quem?

*Ocorrência 09:*

(...)

eu falei ...tá bem papai eu vou dormir  
(...)

(a) eu falei...

(b) tá bem papai eu vou dormir

Nas Ocorrências 08 e 09, observa-se o deslocamento do Plano 1 (aquele da situação concreta da produção discursiva) para o Plano 3 (situação narrada). Trata-se, pois, nos dois casos, de situações aparentemente similares àquela ilustrada na Ocorrência 05. Elas apresentam, porém, um elemento diferenciador: a voz relatada na parte (b) das Ocorrências 08 e 09 não é mais a voz de um sujeito diferente daquele da parte (a) desses mesmos enunciados<sup>8</sup>; é, agora, em ambas as partes, (a) e (b), a voz do próprio sujeito do discurso – que relata à terapeuta o que ele mesmo disse em situações em que interagia com familiares.

Nossos resultados apontam, portanto, para a importância e a complexidade da diferenciação prosódica na produção discursiva da criança A, na medida em que essa diferenciação marca, na heterogeneidade constitutiva dessa produção, a organização dos diferentes planos do discurso. Com efeito, conforme vimos, a diferenciação que a criança A faz entre sua *voz* enquanto sujeito que enuncia e a *voz* do pai (que o sujeito recupera de diferentes situações de produção discursiva) se dá por meio de variações (percebidas) de intensidade e de velocidade. Já a diferenciação que a mesma criança faz das *vozes* de diferentes personagens que ela interpreta em situação de terapia se dá por variações (percebidas) de frequência fundamental. Por fim, nos dois únicos casos de organização de vozes não percebidos com variações prosódicas, um fato merece destaque: trata-se justamente daquele em que a *voz* do sujeito da produção discursiva e a *voz* que é recuperada nessa produção são significadas como a *mesma voz*.

## Considerações finais

Retomemos as justificativas que nos levaram a desenvolver este estudo.

A primeira justificativa era fomentar a interface Linguística/Fonoaudiologia. Acreditamos que nossos resultados a tenham fomentado.

Com efeito, por um lado, procuramos levar, para o estudo de um funcionamento atípico do processo discursivo em crianças, a contribuição especial de reflexões de Authier-Révuz (1990, 1998). Com essa contribuição, procuramos reforçar um *locus* teórico-metodológico de abordagem desse funcionamento, na medida em que buscamos “[...] compreender a natureza e a estrutura do modo particular

---

<sup>8</sup> Relembre-se que, na Ocorrência 05, a parte (a) do enunciado correspondia à voz do próprio sujeito do enunciado (a criança) e a parte (b) do mesmo enunciado correspondia à voz do pai.

de comunicação que cessou de funcionar [...]” (JAKOBSON, 1995, p.34) – ou, em nosso caso, mais especificamente o enclausuramento de um sujeito em tipo característico de funcionamento discursivo.

Por outro lado, o reforço a esse *locus* se deu a propósito de sintomas de linguagem – e a busca de compreensão do estatuto linguístico desses sintomas tem sido cada vez mais recorrente na Fonoaudiologia desenvolvida no Brasil. Essa busca de diálogo entre Fonoaudiologia e Linguística, a nosso ver, merece ser enfatizada: a reinterpretação e a sistematização que a Linguística pode fazer de dados clínicos não apenas pode lançar nova luz ao modo como tradicionalmente são conceituados esses sintomas, como, inversamente, pode testar a eficácia das diferentes abordagens teórico-metodológicas da linguagem que circulam na Linguística.

Passemos à segunda justificativa para o desenvolvimento deste estudo: chamar a atenção para o papel da voz (e dos recursos prosódicos que ela possibilita) nas investigações sobre o funcionamento atípico dos processos discursivos em crianças desenvolvidas no campo da Fonoaudiologia.

Acreditamos que o estudo aqui proposto forneceu subsídios tanto para o trabalho que se faz, clinicamente, com a linguagem, quanto para o que é efetuado com a voz, já que, como procuramos mostrar, voz e linguagem funcionam de modo integrado. A visão tradicional e recorrente nas investigações em Fonoaudiologia promove, antes, a separação, e não a integração entre esses dois aspectos do processo discursivo em sua modalidade de enunciação falada. Como consequência dessa dicotomização, importantes informações sobre o processo de aquisição da linguagem podem não se tornar acessíveis (visíveis) aos próprios pesquisadores fonoaudiólogos.

Com efeito, o processo discursivo da criança A, se visto exclusivamente sob a ótica da sintaxe, poderia, descuidadamente, ser caracterizado como menos complexo do que de fato se mostra. Nele, não é a sintaxe o elemento fundamental para a organização dos planos discursivos, mas, antes, a diferenciação prosódica – como procuramos demonstrar.

Não se trata, em suma, somente de descrever a dificuldade das crianças em relação à atividade discursiva, mas, principalmente, de apreender, com uma detecção mais acurada dos recursos que emergem nessa atividade, os mecanismos alternativos pelos quais elas lidam com suas próprias dificuldades. Em outras palavras, trata-se de descobrir, em sua atividade discursiva, os mecanismos linguístico-discursivos por meio dos quais a significação é produzida – descoberta a que o diálogo Linguística/Fonoaudiologia pode muito bem levar.

## Agradecimentos

Aos dois pareceristas deste artigo, por suas valiosas sugestões de alterações; à fonoaudióloga Natália Faloni Coelho, pela atenção, disponibilidade e auxílio na busca de informações (solicitadas por um dos pareceristas) só recuperáveis pelo acesso ao prontuário do sujeito desta investigação.

CARVALHO, T. F.; CHACON, L.; FERREIRA, L. P. Prosodic variation and discourse changes in a child with language disorder. *Alfa*, Araraquara, v.54, n.02, p.361-380, 2010.

- **ABSTRACT:** *Based on contribution of discourse analysis, we verified relationship between prosodic variation and changes in the discursive process of a nine year old child diagnosed with language disorder by a speech pathologist. Utterances containing changes in discursive plans were extracted from five speech-language therapy sessions, which had been videotaped. Three judges, speech-language pathologists specialized in voice, received transcriptions and audio versions of the selected utterances, and referred whether they noticed a relationship between prosodic variations and changes in discursive plans. In the case of affirmative answers, they were oriented to clarify which were the prosodic aspects that varied in the distinctions. The judges observed these relationships in 96.90% of the utterances. Intensity and speed variations marked the vocal adjustments of different discourse protagonists; fundamental frequency variations characterized the voices of different characters played by the child during therapy situations. The child's vocal adjustments in different enunciation-discursive situations were not marked by prosodic change. Children with language disorders who do not dominate the syntactic complexity of organization of the different plans of discourse may, therefore, mark them through prosodic resources.*
- **KEYWORDS:** *Prosody. Voice. Discourse. Language Disorders.*

## REFERÊNCIAS

ARANTES, L. Avaliação da linguagem uma visão panorâmica. *Revista Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.13, n.1, p.181-183, 2001.

ARAÚJO, D. R. et al. Configurações velofaríngeas em disfonias com nódulos vocais. *Revista Distúrbios da Comunicação*, v.11, n.2, p.275-300, 2000.

AUTHIER-RÉVUZ, J. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Tradução de Cláudia Pfeiffer et al. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998.

\_\_\_\_\_. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.19, p.25-42, 1990.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. Revisão de Maria Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.279-326.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARBETTA, N. L.; PANHOCA, I. Gêmeos idênticos no grupo terapêutico-fonoaudiológico: a construção da linguagem e subjetividade. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri, v.15, n.2, p.139-148, 2003.

BORTOLOTTI, P.; SILVA, M. A. A. e. Caracterização da voz de um grupo de mulheres com obesidade mórbida acompanhadas no setor de cirurgia bariátrica da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. *Revista Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.17, n.2, p.149-160, 2005.

BRASOLOTTO, A.; FABIANO, S. Efeitos da hidratação na voz de um grupo de professores universitários. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*. Barueri, v.12, n.1, p.56-59, 2000.

BRITO, C. G. A. Ressignificando o conto de fadas na clínica com crianças: do símbolo ao significante. *Revista Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.13, n.1, p.186-187, 2001.

CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra segmentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.23, p.137-151, 1992.

CARR, P. *A glossary of phonology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.

CHUN, R. Y. S. Voz profissional: repensando conceitos e práticas na promoção da saúde vocal. In: FERREIRA, L. P.; SILVA, M. A. A. e. *Saúde vocal: práticas fonoaudiológicas*. São Paulo: Roca, 2002.

CUNHA, M. C. Desesquecimento: sobre a escolha do material clínico na pesquisa fonoaudiológica. *Revista Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.12, n.1, p.91-99, 2000.

DOWHOWER, S. L. Speaking of prosody: fluency's unattended bedfellow. *Theory into Practice*, Columbus, v.30, p.165-175, 1991.

FERREIRA, L. P.; SILVA, M. A. A. e. *Saúde Vocal: práticas fonoaudiológicas*. São Paulo: Roca, 2002.

FERRIOLLI, B. H. V. M.; TFOUNI, L. V. O discurso dos e gêneses do retardo de linguagem na criança. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri, v.13, n.1, p.62-66, 2001.

FREIRE, R. M. A. C. O diagnóstico nas alterações da linguagem infantil. *Revista Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.12, n.1, p.107-116, 2000.

GRILLO, M. H. M. M.; LIMA, E. F.; FERREIRA, L. P. A questão ensino-aprendizagem num trabalho profilático de aperfeiçoamento vocal com professores. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri, v.12, n.2, p.73-91, 2000.

GRILLO, M. H. M. M.; PENTEADO, R. Z. Impacto da voz na qualidade de vida de professore(a)s do ensino fundamental. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri, v.17, n.3, p.321-332, 2005.

HERSAN, R. C. G. P. Avaliação de voz em crianças. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri, v.3, n.1, p.3-9, 1991.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: \_\_\_\_\_. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995. p.34-62.

LEVY, I. P. O efeito patologizante da não adoção de uma perspectiva discursiva (e o inverso é verdadeiro). *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri, v.4, n.1, p.10-14, 1992.

LIER-DE-VITO, M. F. A. F. Subjetividade e linguagem: um olhar sobre a psicologia do desenvolvimento e a aquisição da linguagem. *Revista Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.9, n.1, p.21-33, 1997.

MORAIS, C. L. Estudos dos efeitos linguístico-discursivos na inter-relação criança-criança: suas implicações na fonoaudiologia. *Revista Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.14, n.2, p.420, 2003.

NAVAS, D. M. Análise computadorizada de frequência fundamental e suas variações em altura (“Jitter”) e intensidade (“Shimmer”) de vozes de crianças da cidade de São Paulo. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri, v.1, n.1, p.17-22, 1989.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

PENTEADO, R. Z.; CHUN, R. Y. S.; SILVA, R. C. Do higienismo às ações promotoras de saúde: a trajetória em saúde vocal. *Revista Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.17 n.1, p.9-17, 2005.

PRETTI, D.; URBANO, H. (Org.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor/FAPESP, 1988. (Entrevistas. Diálogo entre informante e documentador, v.3).

RAMOS S.; SCARPA E. M. Hesitações e rupturas em aquisição da linguagem: os processos reorganizacionais na fala infantil. *Estudos Linguísticos*, Araraquara, v.36, n.2, p.348-354, 2007.

ROCKENBACH, S. P.; FEIJÓ, A. V. Estudo do tempo máximo de fonação em crianças de 6 a 10 anos de idade. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri, v.12, n.2, p.81-85, 2000.

SANTANA, A. P. A linguagem na clínica fonoaudiológica: implicações de uma abordagem discursiva. *Revista Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.13, n.1, p.161-174, 2001.

SILVA, M. A. A. e. *Tipologia da voz no samba carioca*. 2001. 211f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Faculdade de Fonoaudiologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

SOUZA, L. A. P. Objetividade, subjetividade e um caminho pelo meio. *Revista Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.12, n.1, p.11-19, 2000.

VASCONCELOS, A. M. et al. Percepções vocais relacionadas às alterações hormonais em mulheres. *Revista Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, v.12, n.2, p.195-222, 2001.

Recebido em dezembro de 2009.

Aprovado em maio de 2010.